

**Lições de um professor de Economia Política da Comunicação<sup>1</sup>**

**Lecciones de un profesor de Economía Política de la Comunicación**

**Lessons from a professor of Political Economy of Communication**

**Venício A. de Lima**

Professor Emérito da Universidade de Brasília, ex-aluno e assistente de pesquisa de Thomas H. Guback (1976-1979), "chairman" de sua banca de doutorado. Especialista em História do Cristianismo Antigo (UnB, 2009) e membro do Observatório da Comunicação Religiosa, OCR (CRB/CBJP). E-mail: [vadelima@uol.com](mailto:vadelima@uol.com).

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto, sob o título "Thomas Guback", foi publicada no portal "A Terra é Redonda", em 28/11/2025. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/thomas-h-guback/>



Creative Commons



Atribuição



Não comercial



Compartilha igual

<https://br.creativecommons.net/licencas/>

## Resumo

O texto explora a relação entre cristianismo e marxismo, a partir da trajetória de Thomas H. Guback, herdeiro e continuador da tradição de estudos da Economia Política da Comunicação, tornado padre episcopal aos 64 anos. Trata-se de um bom exemplo de "velho" que, assim como Paulo Freire e Terry Eagleton, permaneceu militante tanto com Cristo, quanto com Marx e, ademais, soube enfrentar com lucidez o "horror metafísico".

**Palavras-chave:** Thomas H. Guback; Economia Política; Cristianismo; Marxismo.

## Resumen

El texto explora la relación entre el cristianismo y el marxismo, a partir de la trayectoria de Thomas H. Guback, herdeiro y continuador de la tradición de estudios de Economía Política de la Comunicación, tornado padre episcopal hace 64 años. Trata-se de un buen ejemplo de "velho" que, así como Paulo Freire y Terry Eagleton, permanece militante tanto con Cristo, cuanto con Marx y, además, soube enfrentar con lucidez el "horror metafísico".

**Palavras-chave:** Thomas H. Guback; Economía Política; Cristianismo; Marxismo.

## Abstract

The text explores the relationship between Christianity and Marxism, based on the work of Thomas H. Guback, heir and continuer of the tradition of Political Economy of Communications studies, who became an Episcopal father at the age of 64. This is a good example of a "velho" who, like Paulo Freire and Terry Eagleton, remains militant both with Christ and with Marx and, furthermore, was able to confront with lucidity the or "metaphysical horror."

**Keywords:** Thomas H. Guback; Political economy; Christianity; Marxism.

## I

A primeira vez que entrei no “office” do Professor Thomas H. Guback, no Institute of Communications Research (ICR) da University of Illinois em Urbana-Champaign, Outono de 1976, levei um baita susto: bem defronte à porta, atrás de sua mesa de trabalho, havia um enorme retrato de Vladimir Lênin! Mesmo sabendo que Guback era o principal herdeiro da tradição de estudos conhecida como Economia Política da Comunicação – que surgira em Illinois com o canadense Dallas Smythe (1907-1992), prosseguiu com Herbert Schiller (1919-2000) e tinha como fundamento a análise da comunicação como mercadoria (*commodity*)<sup>1</sup> – jamais suspeitava deparar com a imagem do líder da revolução soviética na parede da sala de um professor, em uma universidade do meio oeste americano, a princípio, região politicamente conservadora.

Apesar de ainda jovem (nasceu em 1937), Guback era conhecido e respeitado por seu livro “The International Film Industry: Western Europe and America since 1945”, (Guback, 1969), reelaboração de sua tese de doutorado, orientada por Smythe (ICR, 1964), que já se tornara um clássico. Na apresentação da tradução espanhola (Guback, 1980), está escrito:

Hay un aspecto del mundo del cine que suele olvidarse, aun siendo fundamental: las películas son mercancías, suponen inversiones y unos canales comerciales; las compañías y los gobiernos de los países implicados tendrán que tomar decisiones económicas y políticas. Este entramado de base puede condicionar y de hecho condiciona aspectos tan importantes como el contenido de las películas, la existencia de industrias cinematográficas racionales, etc. (Guback, 1980)

Guback construiu uma carreira acadêmica sólida. Era o responsável pelas disciplinas de Economia Política da Comunicação, tanto na graduação como na pós-graduação; publicava com frequência nos principais *journals* da área; reuniu, editou e publicou os escritos inéditos deixados por Dallas Smythe (Guback, 1994); e foi um dos articuladores e autores do “Last Rights” (Nerone, 1995), livro que, 40 anos depois, respondeu criticamente ao “Four Theories of the Press” de Siebert, Peterson e Schramm.

Guback havia sido batizado na Igreja Ortodoxa Russa, mas não a frequentava. Em 1988, aos 51 anos, divorciado, casou-se novamente. Sua esposa era envolvida com a Igreja Episcopal, nome dado à Igreja Anglicana nos Estados Unidos, desde a independência da Inglaterra (1776). Aos poucos ele também passou a frequentar e a se envolver com a Igreja Episcopal.

Ao final do livro que editou sobre Smythe, Guback transcreve a “Eulogy” que leu na missa celebrada em sua memória na Emmanuel Memorial Episcopal Church, em Champaign, no dia 17 de outubro de 1992. Abaixo o último parágrafo:

Perguntei a Dallas, na última vez que o vi, se ele achava que havia uma conexão muito mais estreita – do que aparentava superficialmente – entre os pontos de vista radicais e cristãos. Sua resposta foi inequívoca: Sim. Embora seu trabalho atual fosse em outras áreas, acho que ele teria aprovado os crescentes laços entre a economia política radical e a teologia cristã, entre a justiça econômica e a religião, entre a luta para acabar com a opressão e uma ética econômica cristã.

---

<sup>1</sup> Para uma visão geral sobre as origens e história da tradição da economia política da comunicação cf. Mosco, 2009.

Descobri, ao ler a autobiografia inacabada de Dallas, que, quando jovem, ele havia sido confirmado na Igreja Anglicana do Canadá, que, juntamente com a Igreja Episcopal nos Estados Unidos, faz parte da Comunhão Anglicana (Guback, 1992, p. 333, tradução do autor) <sup>2</sup>.

Cinco anos depois (1997), Guback interrompeu sua carreira acadêmica, aposentou-se da University of Illinois e matriculou-se no Nashotah House Theological Seminary, em Wisconsin, onde obteve o Master of Divinity e foi ordenado Padre Episcopal, aos 64 anos de idade, em 2000. Desde então, foi “pároco” da Saint Christopher’s Church em Northport, Leelanau County, Michigan, até 2008. Na verdade, obteve extensão de mais um ano, após chegar aos 70, limite para sua aposentadoria compulsória. Ainda hoje continua colaborando nas celebrações de domingo, “quando necessário”.

Em raríssima entrevista, Guback fala sobre sua opção pela vida religiosa, colocando fim a carreira na University of Illinois, aos 60 anos. Diz ele:

Passei a me interessar mais pelos problemas de bem-estar social e equidade em geral. (...) Fui apresentado às Escrituras e ao que o cristianismo estava fazendo em relação a essas questões. (...) Houve um foco maior na justiça social e na ação social. Senti que ouvi um chamado para a vida religiosa.<sup>3</sup> (Berkson, s/d, , tradução do autor).

## II

Relembro a trajetória de Thomas H. Guback, conhecido e respeitado professor de Economia Política da Comunicação, porque me parece emblemática para dialogar com duas questões que ainda aparecem quando se trata do julgamento preconceituoso de opções de vida, sobretudo, daqueles/as que, embora cronologicamente “velhos/as”, encontram-se no pleno gozo de suas capacidades mentais e se mantem ativos e produtivos.

(1) A primeira questão é que não há qualquer incompatibilidade entre Cristianismo e análise marxista da realidade econômico-social.

Apesar de toda a celeuma em torno da Teologia da Libertação que, até hoje, continua atacada por grupos fundamentalistas, tradicionalistas e de extrema direita, exatamente por utilizar métodos e instrumentos de análise marxistas da realidade econômico-social; criticar estruturalmente o capitalismo e praticar a opção preferencial pelos pobres; a questão parece razoavelmente equacionada, inclusive, em setores da própria Igreja Católica, com o reconhecimento de que a pobreza tem origem nas estruturas sociais. Aliás, a opção pelos pobres, recebeu fundamentação Bíblica, confirmação na história da Igreja e reafirmação doutrinária e teológica na recente Exortação Apostólica *Dilexi Te*, do Papa Leão XIV, que continua o magistério do Papa Francisco<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> O texto original é: “I asked Dallas, when I saw him last, whether he thought there was a much closer connection – than would be superficially apparent – between radical and Christian points of view. His answer was unequivocal: Yes. Although his current work was in other areas, I think he would have approved the growing links between radical political economics and Christian theology, between economic justice and religion, between the struggle to end oppression and a Christian economic ethic. I discovered when I read Dallas’s unfinished autobiography that as a youngster he had been confirmed in the Anglican Church of Canada, which, with the Episcopal Church in the United States, is part of the Anglican Communion”.

<sup>3</sup> O texto original é: “I became more generally interested in the problems of welfare and equity. (...) I was opened up to Scripture and what Christianity was doing about these issues. (...) There was more of a focus on social justice and social action. I thought I heard a call to ordained orders.”

<sup>4</sup> Para uma análise da *Dilexi Te*, cf. Lima, 2026.

Além disso, há um bom número de intelectuais públicos que conciliam Cristianismo e Marxismo. Cito dois exemplos.

O primeiro, próximo de nós, é o educador Paulo Freire. Em sua última entrevista, a alunos da PUC-SP (17/4/1997), aos 76 anos, falando sobre sua relação com Cristo e com Marx, deu uma resposta que se tornou célebre. Disse ele:

Quando muito moço, jovem, fui aos mangues do Recife, aos córregos, aos morros, às zonas rurais de Pernambuco, trabalhar com os camponeses, as camponesas, os favelados, confesso que fui até lá movido por uma certa lealdade ao Cristo, de quem eu era mais ou menos camarada. Mas o que acontece quando chego lá? A realidade dura do favelado, do camponês, a negação do seu ser como gente, a tendência àquela adaptação, àquele estado quase inerte diante de negação da liberdade, aquilo tudo me remeteu a Marx. (...) Quanto mais eu li Marx, tanto mais eu encontrei uma certa fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo. Então, as leituras que fiz de Marx (...) não me sugeriram jamais que eu deixasse de encontrar Cristo na esquina das próprias favelas. Eu fiquei com Marx na mundanidade e à procura de Cristo na transcendentalidade. (Freire, 1997).

Outro exemplo é o crítico marxista britânico Terry Eagleton. Em 2007, aos 64 anos, ele escreveu alentada apresentação e comentários para os Evangelhos, da coleção "Revoluções", originalmente da editora Verso de Londres<sup>5</sup>. Em artigo/entrevista publicado no *The Times* sob o título "*Terry Eagleton explains why a Marxist critic has written about Jesus Christ and the Gospels*" [Terry Eagleton explica por que um crítico marxista escreveu sobre Jesus Cristo e os Evangelhos], Alan Franks – jornalista, poeta, cantor/compositor – abre a matéria com a seguinte frase:

Que tentação é dizer que o incendiário crítico marxista Terry Eagleton está passando por uma epifania tardia ao publicar uma introdução aos Evangelhos. Na verdade, ele está se reconectando com uma influência que o acompanha desde menino, em uma família irlandesa muito pobre em Salford. (...) Na década de 1960, ele foi membro do grupo católico radical Slant e escreveu um livro chamado "Em direção a uma nova teologia de esquerda". (Franks, 2007)<sup>6</sup>

E mais à frente, dando voz ao próprio Eagleton:

Certamente não acho estranho que o cristianismo e o marxismo caminhem juntos na minha carreira ou, de fato, na de qualquer outra pessoa. Ambos se preocupam com a emancipação, e na narrativa de cada um deles os pobres desempenham um papel central. (...) Ao mesmo tempo, existe uma capacidade viável de transformação. Eles enxergam as coisas de uma forma muito mais crua e realista do que a maioria das formas de liberalismo progressista. Ambos são trágicos, mas, em contraste com um pessimismo pós-moderno meramente passageiro, ambos acreditam na possibilidade de mudança. (Eagleton *apud* Franks, 2007)<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Existe edição em português da Jorge Zahar Editor. Cf. Eagleton (2009)

<sup>6</sup> O texto original é: "What a temptation it is to say that the incendiary Marxist critic Terry Eagleton is undergoing some late-life epiphany by publishing an introduction to the Gospels. In fact, he is re-engaging with an influence that was with him as a boy in a seriously poor Irish family in Salford. (...) In the 1960s he was a member of the radical Roman Catholic group Slant and wrote a book called *Towards A New Left Theology*."

<sup>7</sup> O texto original é: "I certainly don't think it's odd that Christianity and Marxism should go together in

(2) A segunda questão, que às vezes está imbricada na primeira, refere-se à opção que “velhos/as”, não raro fazem de retomar convicções antigas, enraizadas em sua própria história de vida e/ou de lidar com o chamado “horror metafísico”, conceito popularizado pelo filósofo polonês Leszek Kolakowski (1927-2009), que se refere a “questões existenciais profundas” (...) e “ao horror diante da realidade que não pode ser totalmente compreendida” (Kolakowski, 1990).

Não é necessário ser filósofo para compreender a que se refere o “horror metafísico”. Nossas limitações constitutivas para responder às questões fundamentais relativas à nossa própria existência, levaram Kolakowski a afirmar, logo no início de seu livro que “*entre as questões que sustentaram a vida da filosofia europeia por dois milênios e meio, nenhuma já foi resolvida satisfatoriamente; todas elas permanecem ou controversas ou invalidadas por decreto dos filósofos*” (p. 8). A partir daí ele faz uma síntese erudita da história da filosofia, descreve os impasses recorrentes a que se tem chegado e constata a incapacidade de avançar, apesar do esforço reiterado dos filósofos, desde a Grécia antiga até os nossos dias.

O que nos interessa em particular, todavia, é pontuar que o enfrentamento ao “horror metafísico” se torna incontornável para as pessoas que alcançam o amadurecimento intelectual e o envelhecimento.

Em ensaio sobre o Nobel de Literatura peruano Vargas Llosa (1936-2025), falecido em abril de 2025, o filósofo Martim Vasques da Cunha, depois de fazer alusão ao fato de que “*quando um grande homem se aproxima da morte resta apenas o confronto com 'as primeiras e últimas coisas'*”, cita Edward Said, que diz:

O “estilo tardio” de um artista é caracterizado pela marca da mortalidade em cada uma das suas linhas, preocupando-se com o problema do mal e do sofrimento humano, não como uma forma de imersão neles, mas como um meio para superá-los (...). (Cunha, 2025).

No caso de Vargas Llosa, Cunha argumenta que seus últimos romances fazem uma espécie de “acerto de contas” com o passado, inclusive com a própria velhice: há o reconhecimento de que o liberalismo é uma ordem política agonizante; que o jornalismo vive em permanente agonia; que a grande imprensa se dedica a veicular notícias sem interesse público; que a democracia foi traída pelas elites intelectuais e que nada evita a decadência do próprio corpo. Ao fim e ao cabo, “para impedir a vitória do horror metafísico, o escritor recuperou a própria família como base para uma vida digna. Ele, enfim, esqueceu a ilusão – e abraçou a soberania do Bem que fundamenta o real”.

Desta forma, o enfrentamento consciente do “horror metafísico”, não constitui um “refúgio” de “velhos/as” que não sabem ou não conseguem lidar com o envelhecimento, como querem alguns. Ao contrário, tudo leva a crer que se trata de uma prova de amadurecimento e de reencontro consigo mesmo, que só o envelhecimento possibilita. Em alguns casos, esse enfrentamento é bem-sucedido. Em outros, não.

---

my career, or indeed in anybody's career. They are both concerned with emancipation, and in the narrative of each the poor play a central role. (...) At the same time there is a feasible capacity for transformation. They see things as being much more stark and realistic than most forms of progressive liberalism. They are both tragic but, in contrast to a merely fashionable postmodern pessimism, both believe in the possibility of change.”

### III

Thomas H. Guback, herdeiro e continuador da tradição de estudos da Economia Política da Comunicação, tornado padre episcopal aos 64 anos, certamente, é um bom exemplo de “velho” que, assim como Paulo Freire e Terry Eagleton, permaneceu militante tanto com Cristo, quanto com Marx e, ademais, soube enfrentar com lucidez o “horror metafísico”. E foi bem-sucedido, como todos/as esperamos ser.

#### Referências bibliográficas

BERKSON, Jennie. Tom Guback – From the silver screen to the pulpit. **Sharecare of Leelanau**, [s.d.]. Disponível em: <https://sharecareleelanau.org/member-stories/tom-guback/>

CUNHA, Martim V. da. Obra final de Vargas Llosa explica apoio à direita radical, desilusão política e morte serena. **Ilustríssima, Folha de São Paulo**, 15 nov. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2025/11/obra-final-de-vargas-llosa-explica-apoio-a-direita-radical-desilusao-politica-e-morte-serena.shtml>

EAGLETON, Terry. **Terry Eagleton Apresenta Jesus Cristo – Os Evangelhos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FRANKS, Alan. Terry Eagleton explains why a Marxist critic has written about Jesus Christ and the Gospels. **The Times**, 21 dez. 2007. Disponível em: <https://www.thetimes.com/world/ireland-world/article/terry-eagleton-explains-why-a-marxist-critic-has-written-about-jesus-christ-and-the-gospels-gwmmssbhlb2>

FREIRE, Paulo. **Entrevista a alunos/as da PUC-SP**. 17 abr. 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fBXFV4Jx6Y8>

GUBACK, Thomas H., ed. **Counterclockwise: Perspectives on Communication – Dallas Smythe**. Boulder, CO: Westview Press, 1994.

GUBACK, Thomas H. **La industria internacional del cine**. Madrid: Editorial Fundamentos, 1980.

GUBACK, Thomas H. **The International Film Industry: Western Europe and America since 1945**. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1969.

KOLAKOWSKI, Leszek. **Horror Metafísico**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1990.

LIMA, Venício A, de. Anotações sobre a *Dilexi Te* e o discurso de Leão XIV para os movimentos populares. **Ciberteologia – Revista de Teologia e Cultura**. Ed. 81, ano 2026, jan-abr, pp. 52-60. Disponível em: <https://ciberteologia.com.br/editorial/as-coisas-novas-e-o-papa-leao-xiv/95>.

MOSCO, Vincent. **The Political Economy of Communication**. 2. ed. London, UK: SAGE, 2009.

NERONE, John C., ed. **Last Rights – Revisiting Four Theories of the Press**. Urbana, IL: University of Illinois Press, 1995.

SIEBERT, Fred S.; PETERSON, T.; SCHRAMM, W. **Four Theories of the Press**. Urbana, IL: University of Illinois Press, 1955.